

COLUNA BOMBASTIC

João Vitor de Sena Campos

Onde estão os judeus pretos e LGBTQIA+?

No Brasil, os estereótipos da comunidade judaica alimentam muitos preconceitos espalhados sobre “o que é ser judeu”, “como ser judeu” e “quem é judeu”. Desde o tamanho do patrimônio familiar até a aparência, os judeus são descritos de forma homogênea e única, como se todos eles fossem “a mesma coisa”. Isso tudo é resultado de uma visão preconceituosa e antissemita da sociedade, carregada de toda uma história de acusações, ofensas e até mesmo exclusão contra o povo judeu, a ponto de se tornar senso comum fazer esses comentários. Então, a Coluna Bombastic se encarregou de realizar uma entrevista com dois jovens judeus pretos e LGBTQIA+, no intuito de contribuir com a quebra desses estereótipos, pois a pluralidade de ideias e a diversidade fazem parte dessa comunidade e marcam uma presença forte na resistência contra as várias formas de discriminação.



Figura 1: Foto do Gabriel Richards (22 anos). Fonte: Acervo Pessoal



Figura 2: Foto de Rebeca Regen (18 anos). Fonte: Acervo Pessoal

Os entrevistados são a Rebeca Regen Ferreira (18 anos), estudante de enfermagem e obstetrícia pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e o Gabriel Richards (22 anos), estudante de história pela UFRJ. Os jovens residem na capital fluminense e dividem sua rotina com os estudos, os hobbies, o ativismo e a espiritualidade.

O assunto começou com o senso comum de que todo judeu é loiro, branco e dos olhos azuis. Como judeus negros, a presença deles significa muito para derrubar essa imagem de fora da realidade. Rebeca Regen diz que “até pouco

tempo, só conhecia um judeu negro. A luta contra o racismo na comunidade judaica é muito solitária porque não há muitos de nós lá, e os que existem não são muito integrados na comunidade.” Ela também reforça que “o estereótipo europeizado vem da própria comunidade. Já me disseram que eu não devia ser dessa cor, pois nunca viram um judeu negro.” Sua presença é muito importante pois, segundo a entrevistada, “não há muito o que fazer a não ser mostrar que a gente realmente existe e que ninguém é menos judeu por não ser branco.” (REGEN, 2020)

O Gabriel Richards fala sobre a existência do movimento negro em Israel e de povos judeus em países como Uganda e Etiópia. Ela diz que “há muitos choques culturais e discriminação contra as pessoas negras em Israel, mas o movimento negro se encarrega de fortalecer a militância e os protestos contra a violência.” Além disso, ele destaca a presença forte de imigrantes, refugiados e seus descendentes da Europa tanto em Israel quanto no Brasil. Porém, segundo ele, “os Panteras Negras de Israel fazem parte da história das periferias de Jerusalém e ocupam um espaço de resistência contra o racismo e o extermínio da juventude negra.” (RICHARDS, 2020)

Sobre a vida em uma sociedade racista e antissemita, Rebeca Regen afirma que “Além de preta e judia, eu sou mulher. São muitas lutas em um corpo só. E dentro da comunidade é mais difícil ainda.” Ela também fala que “outros debates que não envolvem antissionismo ou antissemitismo não costumam ser pauta. Principalmente nos setores mais conservadores.” Já o Gabriel Richards diz que “o lugar de um educador no movimento juvenil judaico é o que permite abordar discussões sobre racismo com maior presença. A educação não formal é a estratégia com a juventude e com os judeus de movimentos sociais de direitos humanos.” Ele faz questão de citar os grupos de escoteiros e os coletivos judaicos, em especial, o Coletivo Judeus Pela Democracia. (REGEN, 2020); (RICHARDS, 2020)

O episódio na Hebraica do Rio de Janeiro, onde o então deputado federal e atual presidente, Jair Bolsonaro mensurou o peso de um quilombola em arrobas, a visão de que os judeus são racistas se espalhou pelas redes sociais. Inúmeros comentários de que a comunidade é bolsonarista e alinhada às pautas da extrema-direita tomaram de conta de várias postagens. Sobre isso, Gabriel Richards destaca a “presença dos coletivos judaicos ao lado externo à Hebraica, boicotando o evento e criticando a participação de membros da comunidade na palestra.” Ele reforça a pluralidade de ideias dentro da comunidade, pois “há conservadores, progressistas, distinções de classes sociais, de ideias e tudo, mas nos enxergam como se fossemos todos iguais.” A Rebeca Regen também fala sobre os protestos do lado de fora. “Esse evento escancarou preconceitos que de fato existem na comunidade, mas também mostrou que existem pessoas de dentro dela que repudiam esses comportamentos, e que não se calam diante deles.” (REGEN, 2020); (RICHARDS, 2020)

Em relação ao antissemitismo presente no movimento negro, principalmente o norte-americano, Rebeca Regen aponta que “a maior questão com os judeus é Israel. Grande parte enxerga a criação do Estado a partir de um modelo colonial imperialista, e se identificam com as opressões sofridas pelos palestinos até hoje.” Isso não é só nos Estados Unidos, pois “até fora dos Estados Unidos muitos integrantes do movimento negro enxergam Israel como um Estado de apartheid, e essa é uma dor que a gente sabe como é.” Quanto ao extremismo presente nessas discussões, ela diz que “tanto dentro quanto fora da comunidade as pessoas entendem que se você é judeu, você automaticamente apoia o Estado de Israel e se você não apoia você é antissemita.” Sobre ser judia e negra, Rebeca Regen também fala sobre “ocupar espaços que esses outros pretos não ocupam, então eu também entendo que falamos de lugares diferentes.” (REGEN, 2020)

Gabriel Richards reforça que “o imaginário predominante sobre Israel e a ideologização fabricada pelo cristianismo apontam uma realidade totalmente diferente do que existe de fato.” Ele fala muito sobre a luta antirracista em Israel e a presença das discussões sobre os conflitos envolvendo Israel e Palestina e a solução de dois Estados. “Os pretos também vivem em Israel, mas isso é algo que muitos tentam fingir que não existe.” (RICHARDS, 2020)

Partindo para outras bandeiras de luta, as questões ligadas aos direitos da população LGBTQIA+ são discutidas abertamente por uma boa parte das comunidades judaicas brasileiras. Porém, o racismo e o antissemitismo no movimento LGBT também são uma realidade muito dura. Quanto a isso, Rebeca Regen é bem direta ao dizer que “há muito pouco espaço para se tratar de outras minorias na comunidade judaica (nos grupos mais progressistas esse debate vem avançando, mas ainda muito lentamente e em momentos muito estratégicos).” Já o Gabriel Richards fala sobre “um espaço aberto e tímido para debates sobre gênero, sexualidade e racismo, mas as juventudes costumam realizar eventos e encontros em períodos especiais e em datas definidas no nosso calendário.” A Rebeca Regen e o Gabriel Richards também são membros da comunidade LGBTQIA+. (REGEN, 2020); (RICHARDS, 2020).

O Coletivo Judeus Pela Democracia e o Instituto Brasil Israel possuem várias postagens de ações, trabalhos e debates sobre ativismo, enfrentamento ao antissemitismo, LGBTfobia e o extermínio de minorias étnicas e sociais. É notável a presença dessas organizações nos eventos, somando nas lutas em defesa dos direitos humanos. A Rebeca Regen e o Gabriel Richards se identificam com essas organizações e com essas ações. Rebeca Regen fala que “esses grupos devem fazer, também alinhados a outras organizações judaicas progressistas, é não deixar essa "onda" acabar. É não falar só de racismo quando está em alta (para os brancos, para a gente isso nunca esteve "em baixa").” Ela chama a atenção para as discussões sobre essas pautas, pois “não tem como nos preocuparmos com as eleições de Israel ou buscar alternativas

para paz no Oriente Médio, por exemplo, e ignorar que estamos lidando com uma necropolítica muito bem articulada aqui do nosso lado.” (REGEN, 2020)

Gabriel Richards exalta a grande importância desses movimentos, pois “eles são muito bons, mas os debates precisam ser mais discutidos. Os movimentos estão em processo de construção e essas pautas sobre minorias sociais devem continuar na agenda.” Aliás, ambos estão de acordo quanto à preocupação com os atuais cenários dessas discussões. Rebeca Regen diz que “gostaria que essas e outras instituições mantivessem os debates e atitudes antirracistas, anti-LGBTfóbicas e antifacistas como intrínsecas às suas estruturas, e não dependente de casos internacionalmente conhecidos e de cobranças externas.” Ela encerra sua fala dizendo: “espero que todo esse movimento tenha realmente criado essa reflexão nas pessoas e que ela não acabe assim que a # não for mais a primeira do Twitter.” (REGEN, 2020); (RICHARDS, 2020)

REFERÊNCIAS

REGEN, Rebeca. Entrevista com judeus pretos e LGBTQIA+. [Entrevista concedida a] João Vitor de Sena Campos. **Acervo pessoal**, 03 de ago. de 2020.

RICHARDS, Gabriel. Entrevista com judeus pretos e LGBTQIA+. [Entrevista concedida a] João Vitor de Sena Campos. **Acervo pessoal**, 24 de ago. de 2020.